

# Viagem Cultural a São Paulo



Isabela Carvalho

Equipe de Língua Portuguesa e Literaturas  
**Campus Realengo II**  
**Colégio Pedro II**



**Gabriel Motta**

Graças à iniciativa da professora Mariana Thiengo e à colaboração do professor Marcos Ponciano, da equipe de direção do *campus* Realengo II e do Grupo de Estudos em

Ensino de Português e Literaturas (GEEPOL), o projeto Viagem Cultural a São Paulo, realizado em parceria com a empresa de turismo pedagógico Na Estrada Tour, levou 30 estudantes do ensino médio a conhecer a maior cidade da América Latina através de um roteiro histórico-literário percorrido entre os dias 17 e 19 de julho de 2015.



**Gabriela Abreu**

Aqui se guarda, em memória, o denso e delicado texto do professor Jorge Verissimo, que detalha afetivamente o percurso ao lado dos professores Mariana e Luiz Guilherme Barbosa, além de fotografias realizadas por



alguns dos estudantes que estiveram a passeio. Por fim, uma breve antologia de poemas de Mário de Andrade e Roberto Piva, todos desenhando a paisagem urbana da metrópole, dialoga com os olhares fotográficos dos alunos, e completa, em memória, a viagem intertextual. No encerramento, um agradecimento nome a nome a cada um dos estudantes-viajantes.



**João Victor Alves**



**Juliana Oliveira**

## **SUMÁRIO**

*Viagem Cultural a São Paulo: Um convite à  
intertextualidade, de Jorge Verissimo..... 7*

*Para uma paisagem de palavras da cidade de São Paulo,  
de Luiz Guilherme Barbosa..... 17*

*Estudantes, obrigado..... 29*

## Viagem Cultural a São Paulo: Um convite à intertextualidade

*Jorge Verissimo*

*Para Mariana e Guilherme*

*As coisas estão no mundo  
só que eu preciso aprender*  
Paulinho da Viola

O desânimo sempre me fez adiar a visita ao Museu da Língua Portuguesa. O bairrismo ideológico também me desestimulava a caminhar pela cidade do país com a maior concentração de “coxinhas” por metro quadrado. Porém, dessa vez a oportunidade bateu fortemente à porta, impedindo que a falta de entusiasmo e as diferenças políticas falassem mais alto. Além disso, outras atrações faziam parte do roteiro. Por isso, desde que a Mariana anunciou a intenção de levar os alunos a São Paulo, surgiu o interesse em participar do evento, que durante sua organização obteve o reforço do Guilherme.

Por volta das 6h da manhã do dia 17/7, partimos em direção ao estado vizinho: 30 alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, dois guias (JP e Gelson) e três docentes. O planejamento cuidadoso, elaborado pelos dois professores responsáveis e pela empresa contratada, permitiu-me exercitar confortavelmente mais

um olhar de aluno do que de professor. Fui um observador privilegiado. As considerações dos guias e as complementações da Mariana e do Guilherme integravam-se de maneira bastante apropriada, enriquecedoras, capazes de possibilitar o resgate de saberes esquecidos em algum canto da memória e de propiciar também o contato com novas formas de conhecimento. A sintonia da equipe exigiu de mim apenas breves pitacos, quando não se corria o risco de cair nas teias da redundância.

Após a parada em Resende, o passeio cultural começou a dar os primeiros frutos pedagógicos de caráter multidisciplinar. JP iniciou oportunas considerações a respeito do relevo e da vegetação que margeiam a rodovia Presidente Dutra. Em seguida, fomos arremessados para o período do cultivo de café e, conseqüentemente, para a escravidão. Conversamos sobre as suntuosas fazendas do Vale do Paraíba, enriquecidas com a exploração de mão de obra africana, o que nos proporcionou algumas observações acerca desse momento cruel da história brasileira, infelizmente ainda hoje com reflexos profundos na estrutura de nossa sociedade. O assunto de repente nos remeteu ao Cais do Valongo, no Centro do Rio de Janeiro, onde desembarcaram cerca de um milhão de escravos destinados a sofrer eternamente por aqui. Esse primeiro bate-papo desencadeou a atmosfera de sensibilização que permeou muitas de nossas vivências nesses três dias. O Guilherme



aproveitou o ensejo e teceu alguns comentários a respeito da obra de Monteiro Lobato, utilizando como ponto de partida o livro *Cidades mortas*. Lembrou que o autor de *Urupês* oferece uma interpretação particular sobre a formação da sociedade brasileira, paralela à de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Ao chegarmos à cidade de São Paulo, fomos diretamente ao Memorial da América Latina, onde mais um guia se juntou ao grupo. A visita ao espaço idealizado por Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro possibilitou o contato com obras de arte de várias partes do continente, evidenciando a riqueza e a diversidade de sua cultura. Entretanto, o que parece ter causado grande impacto na maioria foi o Salão de Atos Tiradentes. Tornou-se gratificante observar os alunos a examinar atentamente, abaixando e levantando a cabeça, os seis painéis em baixo-relevo que tematizam a história da América antes e depois da chegada dos europeus e suas consequências (cada um deles com quatro metros de largura e 15 de altura), construídos em concreto aparente pelos artistas plásticos Caribé e Poty (o Guilherme e a Mariana salientaram que o primeiro ilustrava os livros de Jorge Amado; e o segundo, os de Guimarães Rosa). Os estudantes procuravam realizar uma leitura solidária do que estava exposto. A parceria combinava com o local. E essa harmonia investigativa da obra de arte alcançou o ápice

diante do grandioso e sublime Paine! Tiradentes (já este com 18 metros de largura e três de altura), de Portinari, quando o sentimento transbordou. Vi uma aluna se desvencilhar do pequeno grupo onde estava e se aproximar do Guilherme para dizer que a colega estava muito emocionada diante de tudo aquilo, provavelmente havia chegado às lágrimas. Aquela “catedral profana” acirrou a sensibilidade de todos. Junto com as atrocidades sofridas pelo mártir, despontavam na memória as retaliações impostas pelos poderosos aos escritores árcades Cláudio Manuel, Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Imediatamente as associações trouxeram à tona o tocante *Romanceiro da inconfidência*, de Cecília.

Na mesma tarde de sexta-feira, fomos ao Museu do Futebol. Neste, a alegria assumiu o lugar da indignação contra as injustiças e da tristeza pelo sofrimento de nosso povo. Todos nos contagiamos com a atmosfera presente sob as arquibancadas do simpático estádio do Pacaembu. São oferecidos, em audiovisual, vários momentos marcantes do esporte bretão, desde jogadas geniais até gols antológicos, passando por títulos significativos dos principais clubes brasileiros e pelas imagens dos mais representativos craques nacionais. Gostei muito de um texto em que Nelson Rodrigues tece um pequeno paralelo entre a genialidade de Garrincha e a de Pelé. O setor que reproduz as torcidas organizadas nos transportou para o meio do êxtase das barulhentas galeras. Os alunos ficaram

encantados. Até a Mariana, em um raro momento de descontração, se empolgou e cobrou um pênalti para o goleiro virtual. Saímos todos contaminados pelo vírus da bola, e o Guilherme comandou, na frente do estádio, um animado e sorridente bobinho misto de dois toques. (Não sei como conseguiram a bola.)

No sábado pela manhã, passamos mais ou menos uma hora dialogando em frente ao Monumento às Bandeiras. Como o contexto recomendava, a conversa explorou a façanha dos desbravadores paulistas, que espalharam muito sangue pelo interior do país. Os guias, a princípio, pareciam não querer enfatizar a violência praticada por esse grupo contra os índios, mas logo abandonaram a ideia, ficou difícil não argumentar nessa direção. A moçada estava muito atenta às injustiças, ontem e hoje. Nessa ocasião, destacou-se também o acelerado crescimento de São Paulo a partir do século XIX.

Depois atravessamos a rua e seguimos pelo Parque Ibirapuera para o Museu Afro Brasil. No trajeto, a Mariana, ao avistar uma réplica da estátua de Laocoonte, interrompeu a caminhada a fim de anunciar que a obra está destoando no meio daquela agradável paisagem campestre, pois ela retrata o sofrimento intenso do personagem e seus dois filhos, vítimas do destino, envolvidos por duas monstruosas serpentes. Em meio à explicação, citou o poema “O cacto”, de Manuel Bandeira, que foi trabalhado em sala de aula e dialoga

diretamente com o episódio de Laocoonte, retratado na *Ilíada*, de Homero. Um senhor parou ao nosso lado e embarcou na viagem proporcionada pela Mariana, ouviu atento a explanação. Quando ela terminou, o transeunte elogiou e reafirmou o que havia sido dito, destacando que a estátua representa o imponderável.

Aliás, mais à frente, foi informado que “O cacto” também mantém intertextualidade com a *Divina comédia*, de Dante, ao fazer referência explícita a Ugolino, personagem que padece nas profundezas do inferno por causa da ambiciosa traição cometida. Salientou-se, então, a riqueza literária do poema, que motivou o ensaísta Davi Arrigucci a escrever o livro *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. Somente após os apropriados comentários ao ar livre, dirigimo-nos para o Museu Afro Brasil, onde apreciamos obras de artistas africanos e brasileiros, produzidas, se não me engano, desde o século XVI. A diversidade cultural e o sofrimento do povo africano marcam a exposição. A escravidão, essa nódoa que nunca nos abandona, outra vez mexeu fortemente com nossas consciências e nossos corações, quando, em uma sala quase totalmente escura, numa provável alusão ao ambiente da embarcação, nos deparamos com um esqueleto de navio negreiro. A presença desse fantasma geme muito alto naquele espaço sombrio. Impossível não pensar automaticamente no dramático poema de Castro Alves, ou melhor, em grande parte de sua criação artística.

Ao sairmos do prédio, o gramado do jardim aguçou novamente o apetite pela bola e praticou-se, talvez para amenizar inconscientemente o forte impacto, outro bobinho, com a liderança e habilidade do professor artilheiro. Em seguida, almoçamos e partimos para a Pinacoteca. Lá conhecemos um pouco sobre a história da pintura no Brasil, com ênfase nos séculos XIX e XX, seus principais pintores e alguns quadros representativos. Permitiu-nos a realização de um contraponto entre a arte tradicional e a moderna. Essa visita ocorreu de forma mais espontânea. Ao circularmos pelas lindas salas, esbarrávamos constantemente com um grupinho de estudantes conversando atentamente diante de um quadro. As belas imagens admitem várias relações com diferentes estilos literários. Como os guias não quiseram participar da atividade, ficaram aguardando em frente à porta de saída. À noite, um resfriado me tirou de combate. Fiquei no hotel, não participei da ida a uma cantina tradicional do Bexiga, onde o Guilherme se transformou em uma atração musical e, segundo os presentes, fez muito sucesso; também não curti o passeio noturno na Paulista. Os alunos adoraram.

No domingo, nosso deslocamento matinal foi de metrô. Antes de sairmos da estação de desembarque, os guias iniciaram uma comparação ilustrada entre a malha metroviária de São Paulo e a de outras metrópoles, demonstrando como a de Sampa torna-se insignificante

diante daquelas mencionadas. Imaginem a do Rio de Janeiro? Surgiu então um animado debate sobre mobilidade urbana: desmonte de ferrovias, poder das empresas de ônibus, ditadura, investimento em asfalto, indústria automobilística etc. Após a conversa subterrânea, rumamos para o Museu da Língua Portuguesa, onde o destaque recaiu sobre a importância das letras no cotidiano das pessoas, o cenário poético atual, os fragmentos de textos da Literatura Brasileira, a história da língua portuguesa e o livro de poemas para registro do público. A interatividade é a sua marca. Nele, nossos mestres da literatura dialogam espontaneamente. E os alunos, atentos, mergulharam naquele mar de palavras.

Para finalizar o circuito combinado, caminhamos cinco minutinhos até o Memorial da Resistência, no antigo prédio do DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social). Neste ex-local de tortura, entramos em contato com documentos e fotos relacionados sobretudo ao período da Ditadura Militar. Informações acerca do sofrimento dos presos deixaram muitos com os olhos cheios d'água. No espaço de uma cela, ouvimos depoimentos de sobreviventes gravados. Isso foi um soco no estômago. A literatura sobre os anos de chumbo logo flutuou na memória: os poemas de Alex Polari, *O que é isso, companheiro?*, de Gabeira, *Os carbonários*, de Sirkis, *Tirando o capuz*, de Álvaro Caldas... Aquela desativada cadeia me levou a pensar também em *Memórias*



do cárcere, de Graciliano, cujo título naturalmente remeteu aos *Cadernos do cárcere*, de Gramsci.

No ônibus, durante o retorno ao Colégio, para fechar o passeio cultural com chave de ouro, Guilherme apresentou a leitura elucidativa dos poemas “Anhangabaú” e “Paisagem nº 1”, de Mário de Andrade, pinçados na brevíssima coletânea organizada por ele e distribuída ao grupo no início da viagem, com a intenção de ilustrar como o autor de *Pauliceia desvairada* abordou, diversas vezes na sua obra poética, a experiência urbana em São Paulo. Nosso passeio intertextual encerrou-se assim de forma extremamente agradável, embora essa viagem possa continuar produzindo ecos na mente de cada um.

Nos três dias, desenvolveu-se uma sinergia bem intensa entre os participantes. Os alunos se comportaram impecavelmente. Não presenciei qualquer incidente desagradável. Todos demonstraram muito interesse pelas atividades propostas. Formou-se uma fraterna parceria entre alunos, professores e guias nesse produtivo evento em que se uniu o conhecimento à amizade e ao lazer. Apesar do cansaço e do grande volume de informações, ouvi somente comentários bastante favoráveis por parte dos estudantes: “poderia ter sido assim nos três anos”, “vou voltar com meus pais”, “vou vir com meus amigos nas férias”, “me deu vontade de fazer isso no Rio também”... A dupla organizadora demonstrou grande sintonia. A Mariana

desempenhou o papel de professora praticamente 24h por dia, sempre tensa com a missão de zelar pela integridade física e mental de 30 adolescentes, e ainda representou o olhar de mãe repassando constantes informações por intermédio do *whatsapp*. Ela atribuiu o mal-estar sentido durante a viagem de volta à intensa comunicação com os pais. Já o Guilherme, mesmo concentrado no compromisso assumido, às vezes se confundia com a garotada, batendo uma bolinha, promovendo uma cantoria com seu violão ou jogando conversa fora em meio a risadas. É um verdadeiro encantador de alunos.

Agradeço a todos os participantes do evento a rica troca de aprendizado.

Um beijo fraterno,  
Jorge Verissimo.



**Ana Carolina Pazó**

## Para uma paisagem de palavras na cidade de São Paulo

*Luiz Guilherme Barbosa*

*São Paulo! comoção de minha vida...*  
Mário de Andrade

Em 1922, o ano-chave para o Modernismo paulista, Mário de Andrade publicou um livro de poemas dedicado à cidade de São Paulo, que então se urbanizava, se industrializava, se modernizava mais velozmente que qualquer outra cidade no Brasil. *Pauliceia desvairada*, o título do livro, é um marco na literatura brasileira, e inaugura um jeito de fazer poemas radicalmente marcado pela experiência urbana. No livro, há uma série de poemas chamada “Paisagem”, que desenhavam a São Paulo de Mário, através da qual (e com muito prazer) podemos desenhar cada um a nossa São Paulo. Dois desses poemas estão aqui, acompanhados pelo “Anhangabaú”, do mesmo livro, e por “Quando eu morrer”, publicado em 1946 após a morte do poeta no livro *Lira paulistana*. Um hino de amor à cidade e a como a cidade dilacera (amorosamente) o corpo do poeta que, adotando uma forma própria de alguns poemas de Cecília Meireles, fez de São Paulo um dos amores de sua vida.

## PAISAGEM N.º 1

Minha Londres das neblinas finas...  
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.  
Há neve de perfumes no ar.  
Faz frio, muito frio...  
E a ironia das pernas das costureirinhas  
Parecidas com bailarinas...  
O vento é como uma navalha  
Nas mãos dum espanhol. Arlequinal...  
Há duas horas queimou Sol.  
Daqui a duas horas queima Sol.

Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,  
Um tralalá... A guarda-cívica! Prisão!  
Necessidade a prisão  
Para que haja civilização?  
Meu coração sente-se muito triste...  
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas  
Dialoga um lamento com o vento...

Meu coração sente-se muito alegre!  
Este friozinho arrebitado  
Dá uma vontade de sorrir!

E sigo. E vou sentindo,  
À inquieta alacridade da invernia,  
Como um gosto de lágrimas na boca...

## ANHANGABAÚ

Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...  
Oh larguezas dos meus itinerários...  
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,  
num parado desdém pelas velocidades...

O carvalho votivo escondido nos orgulhos  
do bicho de mármore parido no *Salon*...  
Prurido de estesias perfumando em rosais  
o esqueleto trêmulo do morcego...  
Nada de poesia, nada de alegrias!...

E o contraste boçal do lavrador  
que sem amor afia a foice...

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,  
onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?  
"Meu pai foi rei!  
– Foi. – Não foi. – Foi. – Não foi."  
Onde as tuas bananeiras?  
Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,  
contando histórias aos sacis?...

Meu querido palimpsesto sem valor!  
Crônica em mau latim  
cobrindo uma écloga que não seja de Virgílio!...

### PAISAGEM N.º 3

Chove?

Sorri uma garoa de cinza,

Muito triste, como um tristemente longo...

A casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...

Mas neste largo do Arouche

Posso abrir meu guarda-chuva paradoxal,

Este lírico plátano de rendas mar...

Ali em frente... – Mário, põe a máscara!

– Tens razão, minha Loucura, tens razão.

O rei de Tule jogou a taça ao mar...

Os homens passam encharcados...

Os reflexos dos vultos curtos

Mancham o *petit-pavé*...

As rolas da Normal

Esvoaçam entre os dedos da garoa...

(E si pusesse um verso de Crisfal

No De Profundis?...)

De repente

Um raio de Sol arisco

Risca o chuveiro ao meio.



## QUANDO EU MORRER

Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,  
No Paissandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.

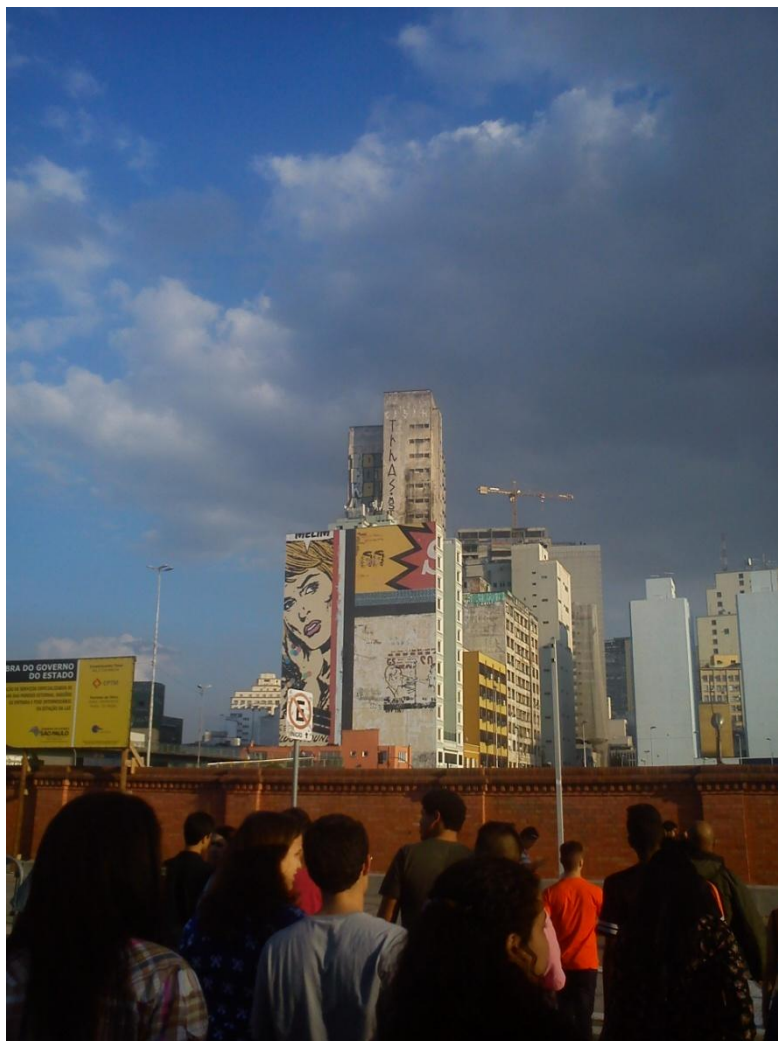
No Pátio do Colégio afundem  
O meu coração paulistano:  
Um coração vivo e um defunto  
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido  
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,  
Quero saber da vida alheia,  
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,  
A língua no alto do Ipiranga  
Para cantar a liberdade.  
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá  
Assistirão ao que há-de vir,  
O joelho na Universidade,  
Saudade...

As mãos atirem por aí,  
Que desvivam como viveram,  
As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus.  
Adeus.



**Juliana Serpa**

Em 1963, quatro décadas depois, um livro também desvairado é publicado por um poeta a quatro mãos com um artista. O poeta, que anda pela cidade a fazer seus poemas, e o artista, que fotografa a cidade a fazer suas imagens, publicaram Paranoia, também um marco na literatura brasileira, por atualizar uma vertente, na poesia contemporânea, de experimentação subjetiva. Marcados pelas experiências do Surrealismo francês, dos modernistas Murilo Mendes e Jorge de Lima, e pela Divina Comédia, de Dante Alighieri, os poemas de Roberto Piva, morto em 2010, ao prestarem homenagem a Mário, conduzem o leitor ao espaço sem chão da literatura, quando as palavras, que saem do poeta fora de si, saem, também elas, de si mesmas.

## **NO PARQUE IBIRAPUERA**



**Juliana Oliveira**

Nos gramados regulares do Parque Ibirapuera  
Um anjo da Solidão pousa indeciso sobre meus ombros

A noite traz a lua cheia e teus poemas, Mário de  
[Andrade, regam minha  
imaginação

Para além do parque teu retrato em meu quarto sorri  
para a banalidade dos móveis  
Teus versos rebentam na noite como um potente batuque  
fermentado na rua Lopes Chaves

Por detrás de cada pedra  
Por detrás de cada homem  
Por detrás de cada sombra  
O vento traz-me o teu rosto

Que novo pensamento, que sonho sai de tua fronte  
[noturna?

É noite. E tudo é noite.  
É noite nos para-lamas dos carros  
É noite nas pedras  
É noite nos teus poemas, Mário!  
Onde anda agora a tua voz?  
Onde exercitas os músculos da tua alma, agora?  
Aviões iluminados dividem a noite em dois pedaços  
Eu apalpo teu livro onde as estrelas se refletem  
como numa lagoa

E impossível que não haja nenhum poema teu  
    escondido e adormecido no fundo deste parque  
Olho para os adolescentes que enchem o gramado  
    de bicicletas e risos

Eu te imagino perguntando a eles:  
    onde fica o pavilhão da Bahia?  
    qual é o preço do amendoim?  
    é você meu girassol?

A noite é interminável e os barcos de aluguel  
    fundem-se no olhar tranquilo dos peixes  
Agora, Mário, enquanto os anjos adormecem devo  
    seguir contigo de mãos dadas noite adiante  
Não só o desespero estrangula nossa impaciência  
Também nossos passos embebem as noites de calafrios  
Não pares nunca meu querido capitão-loucura  
Quero que a Paulicéia voe por cima das árvores  
    suspensa em teu ritmo

## PRAÇA DA REPÚBLICA DOS MEUS SONHOS

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com  
[paciência pela paisagem  
de morfina

a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e  
[crianças brincando  
na tarde de esterco

Praça da República dos meus sonhos  
onde tudo se fez febre e pombas crucificadas  
onde beatificados vêm agitar as massas  
onde Garcia Lorca espera seu dentista  
onde conquistamos a imensa desolação dos dias mais  
[doces

os meninos tiveram seus testículos espetados pela  
[multidão

lábios coagulam sem estardalhaço  
os mictórios tomam um lugar na luz  
e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma os  
[cabelos

Delirium Tremens diante do Paraíso bundas glabras sexos  
[de papel

anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água  
[fumegante nas  
privadas cérebros sulcados de acenos

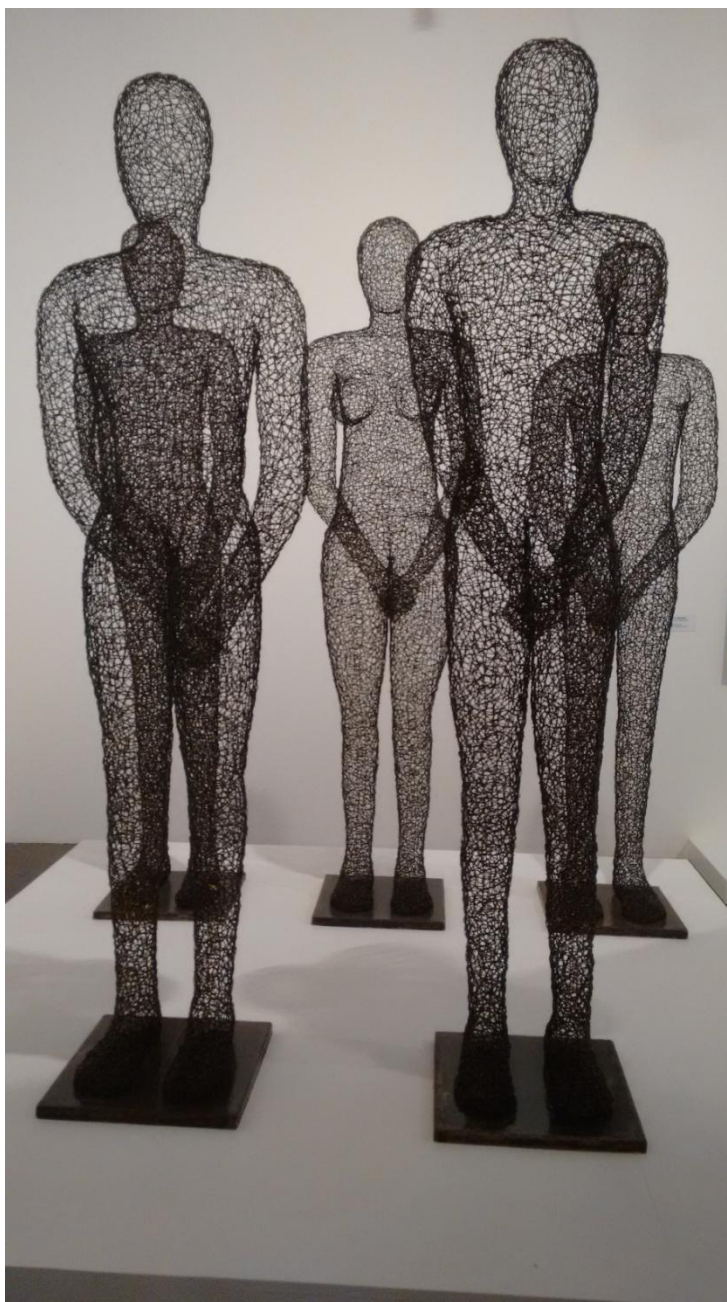
os veterinários passam lentos lendo Dom Casmurro  
há jovens pederastas embebidos em lilás  
e putas com a noite passeando em torno de suas unhas



há uma gota de chuva na cabeleira abandonada  
enquanto o sangue faz naufragar as corolas  
Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da

[República dos meus

Sonhos última sabedoria debruçada numa porta santa



**Isabela Carvalho**

**Fonte dos textos:**

ANDRADE, Mário. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1987.

PIVA, Roberto. *Paranoia*. Fotografado e desenhado por Wesley Duke Lee. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.



**Rayssa de Vilhena**

## **Estudantes, obrigado**

Ana Carolina Barbosa Pazó  
Ana Elisa de Azevedo Macedo  
Carlos Guilherme Matos de Almeida da Silva  
Débora de Souza Leitão  
Fernanda da Cunha Cancela  
Filipe Romero Pitanga  
Flavio de Oliveira Cavalcante dos Santos  
Gabriel Lamenza Alves  
Gabriel Motta Coelho  
Gabriela de Oliveira Abreu  
Isabela Carvalho Leite  
Isadora Menezes Valentim  
João Pedro Silva Gomes  
João Victor Alves de Azevedo  
João Victor da Costa Ramos  
Juan Henrique Oliveira Sampaio  
Judy Soares Suk Chun  
Juliana Oliveira T. de Jesus  
Juliana Serpa Monteiro Sales  
Leandro de Almeida Machado  
Lucas Souza Lins de Lima  
Mariana Albuquerque Campos  
Mateus Evangelista de Alcantara  
Nathan da Silva dos Santos  
Rafael Barbosa Lélis  
Rayssa de Vilhena Moreira  
Ronaldo Lucas Cardoso de Barros  
Thalia Melo dos Santos  
Victor Hugo Cerqueira Côrtes  
Yan Rodrigues Barbosa



**João Victor Ramos**

